

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

***OS LUSÍADAS* E A APROPRIAÇÃO DA MITOLOGIA CLÁSSICA**

EDUARDO DE SOUZA FAGUNDES

PORTO ALEGRE

2014

EDUARDO DE SOUZA FAGUNDES

OS LUSÍADAS E A APROPRIAÇÃO DA MITOLOGIA CLÁSSICA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pré-requisito à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Zilberman

**PORTO ALEGRE
2014**

Dedico este trabalho aos meus pais, Renato Fagundes e Maria Gelci de Souza Fagundes, pelos esforços feitos em prol da minha criação, à minha querida esposa Greiceane Fagundes, por todo amor, carinho, compreensão e apoio desde 2003, e à minha querida orientadora Prof^a. Dr^a. Regina Zilberman, cujo apoio e orientação foram determinantes em minha formação acadêmica. A vocês, muito obrigado.

“Daí-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou fruta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.”

(CAMÕES, 1982, p.30)

RESUMO

A compreensão da obra camoniana *Os Lusíadas* demanda determinados conhecimentos acerca dos mitos greco-latinos. Contudo, conhecê-los apenas não contempla toda a riqueza mitológica contida na obra referida, pois Camões tanto se apropriou dos mitos tais como estão nos clássicos como também os recriou segundo seu gênio e erudição. Através dos estudos do historiador das religiões Mircea Eliade, conceituou-se o mito enquanto narrativa, ou seja, o mito e a revelação das origens e a relação imanente entre o sagrado e o profano. O estudo da apropriação dos mitos na obra, a saber, do mito dos deuses e do mito dos heróis desenvolveu-se através do cotejo entre *Os Lusíadas* e os clássicos gregos *Iliada* e *Odisseia* e a obra latina *Eneida*. O cotejo entre elas revelou uma apropriação muito particular do mito por Camões: o mito, nos *Lusíadas*, justifica os eventos do tempo histórico e é por eles responsável. Dessa maneira, Camões incorpora a mitologia clássica à história portuguesa. Esse procedimento constitui uma inovação, porque funde o tempo mítico ao tempo histórico.

Palavras-chave: mitologia. apropriação. inovação.

ABSTRACT

Understanding of Camoens's work *The Lusíads* demands particular knowledge of Greek and Latin myths. However, know them only not reaches all the mythological richness contained in the referred work because Camoens both appropriated the myths such as are in the classics and also recreated them in keeping with his genius and erudition. Through the studies of the historian of religions Mircea Eliade, conceptualized the myth as narrative, ie, the myth and the revelation of the origins and the immanent relationship between the sacred and the profane. The appropriation's study of the myths in the work, namely, the myth of the gods and heroes developed through the comparison between *The Lusíads* and the Greek classics *Iliad* and *Odyssey* and the *Aeneid* latin work. The comparison between them revealed a very private appropriation of the myth by Camoens: the myth, on *The Lusíads*, justifies the events of historical time and is responsible for them. Thus, Camoens incorporates the classical mythology to portuguese History. This procedure is an innovation because it fuses the mythic time to historical time.

Keywords: mythology. appropriation. innovation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CONCEITO DE MITO E SEUS DESDOBRAMENTOS	11
1.1 MITO: REVELAÇÃO DAS ORIGENS.....	11
1.2 O TEMPO DO MITO.....	12
1.3 ESPAÇO SAGRADO E ESPAÇO PROFANO.....	12
1.4 O SAGRADO CELESTE.....	13
1.5 SIMBOLISMO AQUÁTICO.....	14
1.6 CENTRO DO MUNDO.....	15
1.7 MITO E MEMÓRIA.....	16
1.8 MITO E HISTÓRIA.....	16
2 OS MITOS DA ANTIGUIDADE GRECO-LATINA NOS <i>LUSÍADAS</i>	18
2.1 A REPRESENTAÇÃO DOS DEUSES.....	18
2.1.1 O concílio divino.....	18
2.1.2 A hostilidade de Baco.....	19
2.1.3 O apoio de Vênus.....	21
2.1.4 Júpiter e a demanda portuguesa.....	22
2.1.5 Tétis e seu “caráter profético”.....	22
2.2 A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI.....	23
2.2.1 O Ulisses navegador.....	23
2.2.2 O Ulisses fundador.....	24
2.2.3 “A língua de Ulisses”.....	24
2.2.4 O Eneias navegador.....	25
2.2.5 Eneias e o apoio divino.....	25
2.2.6 O “valor intrínseco” de Eneias.....	26
3 A APROPRIAÇÃO DOS MITOS GRECO-LATINOS NOS <i>LUSÍADAS</i>	27
3.1 OS DEUSES.....	27
3.1.1 O mito do concílio divino.....	27
3.1.1.1 Na <i>Eneida</i>	27
3.1.1.2 Na <i>Odisseia</i>	28

3.1.1.3 Na <i>Iliada</i>	28
3.1.2 A divindade hostil.....	30
3.1.2.1 Na <i>Eneida</i>	30
3.1.2.2 Na <i>Odisseia</i>	31
3.1.2.3 Na <i>Iliada</i>	32
3.1.3 A divindade protetora.....	33
3.1.3.1 Na <i>Eneida</i>	33
3.1.3.2 Na <i>Odisseia</i>	34
3.1.3.3 Na <i>Iliada</i>	34
3.1.4 Júpiter e a demanda dos homens.....	35
3.1.4.1 Na <i>Eneida</i>	35
3.1.4.2 Na <i>Odisseia</i>	35
3.1.4.3 Na <i>Iliada</i>	36
3.1.5 Na <i>Iliada</i>	37
3.1.5.1 Na <i>Eneida</i>	37
3.1.5.2 Na <i>Odisseia</i>	38
3.2 OS HERÓIS.....	38
3.2.1 O Eneias da <i>Eneida</i>	38
3.2.1.1 O Eneias navegador.....	38
3.2.1.2 A relação entre o apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias.....	39
3.2.2 O Ulisses da <i>Eneida</i>	40
3.2.2.1 “A língua de Ulisses”.....	40
3.2.3 O Odisseu da <i>Odisseia</i>	41
3.2.3.1 “A língua de Odisseu”.....	41
3.2.4 O Eneias da <i>Iliada</i>	42
3.2.4.1 O apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias.....	42
3.2.5 O Ulisses da <i>Iliada</i>	43
3.2.5.1 “A língua de Ulisses”.....	43
CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

O estudo da obra *Os Lusíadas* revela um rico conteúdo mítico. Camões, grande leitor e conhecedor das monumentais obras clássicas greco-latinas, foi capaz de apropriar-se daqueles mitos, utilizando-os em sua epopeia tais como foram elaborados pelos autores da antiguidade e, inovadoramente, relendo-os e elaborando-os conforme sua capacidade criativa e sua erudição. A fim de contemplar alguns elementos da apropriação daqueles clássicos por Camões, elaborou-se o presente trabalho.

A apropriação dos mitos greco-latinos e sua recriação nos *Lusíadas* demandam do estudioso uma reflexão sobre o mito, por meio da qual se possa conceituá-lo e organizá-lo em facetas e aspectos.

No primeiro capítulo, conceituar-se-á o mito, cujas funções principais são revelar as origens do cosmo e propor modelos exemplares para os atos humanos. Analisar-se-á também o duplo caráter do tempo para o homem que forjou em sua mente o mito: o tempo sagrado e o tempo profano, elemento determinante dos atos divinos e humanos.

O espaço, tal como o tempo, também se divide em sagrado e profano. Deste caráter opositivo decorrem as possibilidades de ação de deuses e homens, segundo paradigmas regidos pela oposição entre tempo e espaço sagrado e profano. O sagrado celeste e sua valorização mítico-religiosa, cuja transcendência justifica a insignificância do homem em relação às divindades celestes, também serão examinados.

As infinitas virtualidades atribuídas à água e ao simbolismo aquático dela decorrente, manifestado por meio das divindades aquáticas referidas por Homero, Virgílio e Camões, terão seus aspectos e representatividades examinadas. O simbolismo do centro do mundo, de suma importância nas obras examinadas neste trabalho, também será contemplado. Verificar-se-á a maneira como o centro do mundo manifesta o sagrado e como consagra o espaço, transformando-o de profano em sagrado.

A relação entre mito e memória, e sua importância para o autor clássico serão estudadas. Examinar-se-á como, por invocar as musas, o eu-lírico tornava-se capaz de revelar o passado de todas as coisas. Por fim, analisar-se-á a relação entre o mito e a história. Por meio do cotejo entre estes dois pontos de vista, verificar-se-á que ambos, a sua maneira e a partir de apreciações

específicas a respeito do mundo e dos seus fenômenos, ofereceram e oferecem ao homem um modelo exemplar.

O segundo capítulo deste trabalho contemplará a representação dos mitos dos deuses e dos heróis da antiguidade clássica greco-latina nos *Lusíadas*. São diversos os aspectos através dos quais apropriou-se Camões a este respeito. Portanto, no que se refere aos deuses, examinar-se-á a representação do concílio divino, cujo objetivo era determinar o destino português, dos motivos da hostilidade de Baco, do apoio de Vênus aos portugueses, cuja origem remontava à antiguidade, de Júpiter e sua relação com a demanda portuguesa de chegar ao Oriente e de Tétis e seu “caráter profético”.

Com respeito aos heróis Ulisses e Eneias nos *Lusíadas*, examinar-se-ão os seguintes aspectos da sua representação: o Ulisses navegador, o Ulisses fundador de Lisboa e a caracterização da “língua de Ulisses”. No que diz respeito à representação do herói Eneias, examinar-se-á o Eneias navegador, Eneias e sua relação com o apoio divino e o duvidoso valor intrínseco de Eneias.

O terceiro capítulo deste trabalho contemplará a apropriação dos mitos greco-latinos nos *Lusíadas*. Este capítulo demonstrará, por meio de um cotejo, onde se situam na *Ilíada*, *Odisseia* e *Eneida*, os elementos dos quais se utilizou Camões na “confecção” de sua obra. Observar-se-á que, em alguns momentos, Camões apropriou-se dos mitos clássicos tais como registrados pelos autores dos clássicos anteriormente referidos e, em outras ocasiões, serviu-se deles livremente, remanejando-os e conferindo-lhes valores diferentes dos originais. Desta forma, verificar-se-á a apropriação dos mitos dos deuses e dos heróis conforme constam naquelas obras em sua relação com *Os Lusíadas*.

1 CONCEITO DE MITO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Mircea Eliade, historiador das religiões, estabeleceu paradigmas para a compreensão do mito. Neste capítulo, examinar-se-á de que maneiras seus estudos oferecem uma forma de compreender o mito e seus aspectos no estudo dos *Lusíadas* em sua relação com os clássicos greco-latinos *Odisseia*, *Ilíada* e *Eneida*.

1.1 Mito: revelação das origens e do modelo exemplar¹

O mito conta uma história sagrada, ou seja, relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. O mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total como o Cosmos ou apenas um fragmento dela. O mito é, portanto, a narrativa de uma criação. Ele fala apenas do que ocorreu realmente, do que se manifestou plenamente. O mito descreve as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado no mundo.

A história narrada pelo mito constitui um conhecimento de ordem esotérica, porque é acompanhado de um poder mágico-religioso. Conhecer a origem de algo implica ter sobre ele um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-lo, multiplicá-lo ou reproduzi-lo.

Viver os mitos implica uma experiência verdadeiramente religiosa, pois ela distingue-se da experiência ordinária da vida cotidiana. A religiosidade dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, assiste-se novamente as obras criadoras dos entes sobrenaturais, deixa-se de existir no mundo cotidiano e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado pelo sagrado.

Por relatar as façanhas dos entes sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. A conduta e as atividades do homem têm por modelo as façanhas dos entes sobrenaturais. A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas.

Assim como o homem moderno proclama-se constituído pela história, o homem das sociedades arcaicas proclama-se constituído pelos eventos míticos. Neste aspecto reside a

¹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 5.ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1998, p.11-13.

diferença mais importante entre o homem arcaico e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para o segundo, é a nota característica da História, sequer existe para o primeiro.

1.2 O tempo do mito²

A experiência do tempo, para o homem arcaico, não tem relação alguma com a experiência do tempo para o homem moderno. O que se pode dizer é que o tempo sagrado está em oposição ao tempo profano, e que a duração destes tempos difere das sociedades arcaicas para as sociedades modernas. A experiência do tempo, para o homem arcaico, deixa uma abertura permanente para o sagrado. A própria experiência do homem arcaico permite-lhe abolir o tempo profano e instaurar o tempo sagrado.

Para o homem arcaico, o tempo não é homogêneo. Para ele, o tempo manifesta-se de diversas formas, intensidades e finalidades. A presença de diferentes tipos de tempo é comum a todas as religiões. Em todas as religiões, conhecem-se dias bons e dias ruins, tempos apropriados para certa atividade e nefastos para outra. Contudo, isso caracteriza o ponto de vista do homem arcaico acerca do tempo: para ele, o tempo é heterogêneo.

O homem arcaico deixa de viver no tempo cronológico, o tempo histórico, passando a viver no tempo primordial, no tempo em que os eventos míticos tiveram lugar pela primeira vez. Por isso, pode-se falar no tempo forte do mito: é o tempo prodigioso, sagrado, em que algo de novo e de significativo manifestou-se plenamente.

1.3 Espaço sagrado e espaço profano³

Enquanto o homem moderno encara o espaço de maneira homogênea, o homem arcaico encara-o como heterogêneo. Para o homem religioso, o espaço apresenta rupturas; para ele, o espaço é fragmentado em porções que diferem em importância e significado. Para o homem arcaico, há o espaço sagrado, assim como há, também, o tempo sagrado do mito. Ambos são fortes e, tanto o espaço quanto o tempo sagrado estão em oposição ao espaço e ao tempo profano.

² ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 313-316.

³ ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 25-28.

Para o homem arcaico, a heterogeneidade do espaço revela-se na oposição entre o espaço sagrado, real, e o espaço profano, irreal, composto por tudo o que não seja espaço sagrado.

A experiência da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, correspondendo a uma fundação do mundo. A ruptura operada no espaço sagrado permite que o mundo seja constituído, porque através dessa ruptura é que se descobre o ponto fixo, “o eixo do mundo”, a partir do qual todo o resto constitui-se. Quando ocorre uma irrupção do sagrado, não há apenas a ruptura do espaço, mas há também a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a irrealidade constituinte do espaço profano. Essa manifestação do sagrado é fundadora do mundo. Em meio à extensão homogênea do espaço, onde nada se pode sondar e nada serve de parâmetro ou guia seguro, a manifestação do sagrado revela um ponto fixo, absoluto, um centro.

1.4 O sagrado celeste⁴

Para o homem arcaico, a simples contemplação do céu desencadeia uma experiência religiosa. O céu é a dimensão diante da qual o homem e seu mundo pouco representam. Diante do céu, a transcendência ocorre pela tomada de consciência da altura infinita; a altura infinita torna-se, inevitavelmente, um atributo da divindade. As regiões superiores, inacessíveis ao homem, revelam-se em termos absolutos, transcendentais e eternos. Esse é o lugar da morada dos deuses.

O céu é rico em valorizações mítico-religiosas. O alto e o elevado são hierofanias do transcendente, do sagrado por excelência. Todas as divindades supremas têm uma relação quase orgânica com o céu, a atmosfera e os acontecimentos meteorológicos.

O alto é uma dimensão inacessível ao homem como tal; pertence por direito às forças e aos seres sobrenaturais. Pela sua própria existência, o céu simboliza a transcendência, a força e a imutabilidade. O céu existe porque é elevado, infinito imutável e poderoso.

Na mitologia greco-latina, Zeus⁵ e Júpiter⁶ sintetizaram o sagrado celeste. Contudo, não se deve imaginar que Zeus dominasse apenas o céu sereno, luminoso e brilhante. A arma de Zeus era o raio, e os lugares atingidos por seus relâmpagos eram-lhe consagrados. Os títulos de Zeus revelaram a sua relação com a tempestade, a chuva e a fertilidade. Assim ele era conhecido como

⁴ ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 100-103.

⁵ Filho do Titã Cronos com sua irmã, a Titânide Reia. Após o confronto com os Titãs, Zeus tornou-se o rei dos deuses, segundo a mitologia grega.

⁶ Júpiter, deus latino assimilado ao grego Zeus.

“o chuvoso”, “o que envia os ventos favoráveis”, “o fulminador”, “o trovejador”. Zeus era também soberano, mas, mais claramente do que qualquer outro deus celeste, ele conservou-se pai. A supremacia de Zeus era paternal e soberana: ele assegurava a ordem da natureza e da família pelas suas forças criadoras e pela sua autoridade enquanto guardião das normas.

Assim como Zeus, Júpiter punia pelo raio, castigava aos que faltavam com a palavra e aos que violavam um tratado. Júpiter era a divindade celeste suprema, o soberano absoluto do céu. Júpiter intervinha na história desde o céu através de sua magia, a distância.

1.5 Simbolismo aquático⁷

Pode-se dizer que as águas simbolizam o total das virtualidades; que ela é a matriz de todas as possibilidades existenciais. A água é o princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda a manifestação cósmica, celeiro de todos os germes; as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas e para a qual voltam inevitavelmente, quer seja por regressão ou por cataclismo. Em qualquer aspecto do pensamento arcaico, quer seja no mito ou no rito, as águas sempre precedem qualquer forma e suportam qualquer criação.

Homero conhecia o culto dos rios: os troianos sacrificavam animais ao Escamandro⁸ e lançavam cavalos vivos em suas águas. Os deuses fluviais helênicos eram, algumas vezes, antropomorfos: por exemplo, o Escamandro lutou contra Aquiles, conforme o relato da *Ilíada*. Mas, na sua maioria, os deuses dos rios eram representados por touros. O deus fluvial mais conhecido dos helenos era o deus Aqueloo⁹. Homero considerava-o um grande deus, divindade de todos os rios, dos mares e das fontes.

Algumas divindades aquáticas alcançaram lugares de destaque na mitologia grega. Esses deuses viveram e reinaram nas profundezas do mar. Eram divindades estranhas e caprichosas, faziam o bem e o mal, mas o mal mais frequentemente, assim como o faz o mar, ao qual representavam.

⁷ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 153-155.

⁸ O Escamandro era um rio de Troia, chamado também de Xanto. Segundo a mitologia grega, era filho do Titã Oceano e da Titânide Tétis.

⁹ Segundo a mitologia grega, Aqueloo era também filho do Titã Oceano e da Titânide Tétis.

As ninfas¹⁰ eram as divindades de todas as águas correntes, de todas as fontes e de todas as nascentes. Não foi a imaginação helênica que as produziu; elas estavam lá desde o princípio dos tempos, criadas pelos cursos das águas, por sua magia e força, pelo seu murmúrio. As mais conhecidas eram as irmãs de Tétis¹¹, as nereidas¹². As ninfas eram, geralmente, divindades das nascentes, mas também residiam em cavernas úmidas.

Acima de todas as divindades aquáticas menores, encontrava-se Posidon¹³. O mar perdia suas características femininas de bondade e calma quando se enfurecia e assumia qualidades masculinas. Segundo Homero, Posidon era o deus dos mares, e seu palácio encontrava-se no fundo deles. Posidon era também o deus dos tremores de terra. Ele era selvagem, desagradável e perverso. Indiferente para com os deuses, os homens e a história, embalava-se na sua própria fluidez, inconsciente tanto dos germes que trazia consigo como das formas que possuía virtualmente e que, de fato, ele dissolvia periodicamente.

1.6 O centro do mundo¹⁴

O simbolismo do centro do mundo articula-se em três conjuntos. Em primeiro lugar, o mundo tem um centro, no qual se encontra o monte sagrado, local de conexão entre o céu e a terra. Em segundo lugar, qualquer templo ou palácio, qualquer cidade sagrada e qualquer residência podem ser vistas como um centro. Em terceiro lugar, sendo o templo ou a cidade sagrada o lugar por onde passa o eixo do mundo, acredita-se que seja a conexão das três regiões cósmicas: o céu, a terra e o inferno.

Todo espaço sagrado demanda uma manifestação do sagrado, que destaca um território do meio cósmico que o envolve e o torna diferente. A manifestação do sagrado consagra um lugar pelo fato de torná-lo aberto para o céu, ponto paradoxal de passagem deste mundo para aquele e vice-versa.

¹⁰ Na mitologia grega, o termo Ninfas refere-se a um grande grupo de divindades femininas que habitavam as águas e as cavernas.

¹¹ A Ninfa, filha de Nereu e Dóris. A Ninfa Tétis foi a mãe do herói grego Aquiles, filho de Peleu.

¹² As Nereidas eram as cinquenta filhas de Nereu e Dóris, netas da Titânide Tétis e do Titã Oceano.

¹³ Na mitologia grega, Posidon era o deus do mar, ao qual os romanos chamavam Netuno.

¹⁴ ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 302-305.

Muitas vezes, para que um local torne-se sagrado, não se faz necessário uma teofania ou uma hierofania: basta um sinal para indicar sua sacralidade. A importância de um sinal como esse reside no fato de introduzir um elemento absoluto e por colocar fim à relatividade e ao caos.

1.7 Mito e memória¹⁵

Conforme Hesíodo, na *Teogonia*, a deusa Mnemósine¹⁶, personificação da memória, era a mãe das Musas¹⁷. Ao evocá-las, o eu-lírico estava “bebendo” diretamente da ciência de Mnemósine: sorvia o conhecimento do passado mais remoto, a saber, do princípio dos tempos até o presente. O passado alcançado através da memória era mais do que o simples antecedente do presente: era a sua fonte. Por isso, ao remontá-lo não havia interesse em alcançar o tempo, e sim a essência do ser, descobrir a origem, a realidade primordial da qual proveio o Cosmos, e que permitia a compreensão do devir total.

Através desta memória primordial, o poeta, ao ser inspirado pelas Musas, acessava as realidades originais. Contudo, essas realidades já não eram mais perceptíveis, pois pertenciam ao tempo mítico do princípio. O poeta acabava por estabelecer um contato com outro mundo, visto que a inspiração das Musas o alcançava e ele podia sorver da memória primordial de Mnemósine.

1.8 O mito e a História¹⁸

Para os gregos, não havia nada de sobrenatural no que diz respeito aos acontecimentos históricos. Contudo, um grego chamado Heródoto inaugurou a historiografia. Ele próprio explicou a razão pela qual escreveu suas histórias: para que as façanhas dos homens não se perdessem no tempo.

Nenhum historiador grego, no entanto, registrou os relatos históricos a fim de provar a existência de um plano divino e a intervenção de um deus supremo na vida de um povo, tal como fez o povo de Israel. Para os gregos, a história fazia parte do processo cósmico, condicionado

¹⁵ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 5.ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1998, p; 107-110.

¹⁶ Mnemósine era uma das Titânides, filhas de Urano e Gaia e personificava a memória.

¹⁷ As Musas eram divindades gregas, filhas de Mnemósine, as quais se atribuía a capacidade de inspirar a criação poética.

¹⁸ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 5.ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1998, p. 119-122.

pela lei do devir. Por isso, a história não podia ser um objeto de conhecimento. A historiografia, entretanto, era útil, pois ilustrava o devir na vida das nações.

Durante a Idade Média, desenvolveu-se uma curiosidade semelhante com respeito ao passado, principalmente desde a Renascença. Neste período, buscava-se na história antiga o modelo para o homem perfeito. Durante milênios, o homem trabalhou ritualmente e pensou miticamente. Essa era a possibilidade que tinha de abrir-se para o cosmos. Desde a Renascença, porém, a infinitude do universo foi tirada do homem. Ele estava, então, nas mãos do tempo e, para defender-se de sua inexorável passagem, utilizou-se da recordação historiográfica, que lhe permitiu perspectivas até então inimagináveis. Enquanto o homem arcaico rememorou os eventos míticos, o homem moderno, com o mesmo ardor daquele, rememorou tudo o que se passou no tempo histórico.

2 OS MITOS DA ANTIGUIDADE GRECO-LATINA NOS *LUSÍADAS*

2.1 A representação dos deuses

Neste capítulo, os atos das divindades greco-latinas serão analisados conforme sua representação nos *Lusíadas* na seguinte ordem: o concílio dos deuses, os atos hostis de Baco¹⁹ contra os portugueses, os atos de Vênus²⁰ a favor dos portugueses, os atos de Júpiter com relação à demanda portuguesa de alcançar a Índia e, por último, Tétis²¹ e seu “ato profético”. Logo após, examinar-se-ão os heróis conforme foram representados nos *Lusíadas* como segue: o Ulisses²² navegador, o Ulisses fundador, “a língua de Ulisses”, o Eneias²³ navegador, Eneias e o apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias.

2.1.1 O concílio divino

A viagem dos “argonautas²⁴ portugueses” em busca das Índias foi o motivo de um concílio divino. O primeiro ato divino representado por Camões foi o ajuntar dos deuses por Júpiter. Note-se:

Quando os deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
[...]
Convocados, da parte de Tonante.
(CAMÕES, 1982, p.36)

Às divindades reunidas, Júpiter lembrou que os descendentes de Luso²⁵ sobrepujariam os feitos de assírios, persas, gregos e romanos: era ordem dos fados. Lembrou-lhes também que fora concedido aos portugueses vencer os castelhanos e expulsar o mouro de suas terras, e que os

¹⁹ Baco, deus latino assimilado ao grego Dioniso.

²⁰ Vênus, deusa latina assimilada à grega Afrodite.

²¹ Tétis, Titânide, filha de Urano e Gaia, mãe das Oceânides. Não é a Ninfa Tétis, mãe de Aquiles, filha de Nereu e Dóris.

²² Nome latino do herói grego Odisseu.

²³ Eneias foi um importante personagem da mitologia greco-latina. Era filho de Vênus e do mortal Anquises.

²⁴ Adjetivo conferido aos tripulantes da nave *Argos*, mencionada na obra *Argonáutica* de Apolônio de Rodas.

²⁵ Luso era um filho mítico de Baco, ao qual se atribuiu a fundação da Lusitânia. Ele é um dos antepassados míticos dos portugueses.

triumfos de seus antepassados seriam excedidos pelos triunfos dos navegantes portugueses. Júpiter determinou, então, a acolhida da frota portuguesa em terras da costa africana.

A decisão de Júpiter desagradou a Baco, que temia ver seus feitos no Oriente ofuscados pelas futuras conquistas portuguesas. Ele não podia admitir, sob hipótese alguma, perder a glória conquistada. Para defendê-la, dispôs-se a contrariar a ordem dos fados.

Vênus estava ao lado dos portugueses no concílio divino, pois lembravam seu amado povo romano, tanto pelas façanhas militares como pela língua de origem latina. Além disso, Vênus desejava aumentar sua honra pessoal por promover e garantir o empreendimento português.

Marte²⁶ alinhou-se a Vênus e dirigiu-se a Júpiter, incitando-o a não apoiar o caprichoso Baco, que pela “ordem natural”, não deveria ser contrário aos portugueses, visto descenderem de Luso, progênie sua. Marte, por fim, pediu a Júpiter que enviasse Mercúrio²⁷ em auxílio dos portugueses, a fim de ajudá-los a encontrar, na costa africana, informação segura sobre a rota para a Índia.

2.1.2 A hostilidade de Baco

Baco, ao ver a expedição portuguesa chegar à costa moçambicana, preparou um ardil. Na aparência de um mouro estimado pelo Xequê local, Baco alertou aos moçambicanos sobre os perigosos recém-chegados: eram piratas que assolavam a costa africana. Instigou-os, então, a preparar uma cilada: um avassalador ataque surpresa à frota. No caso do ataque fracassar, oferecessem, então, aos portugueses um falso piloto.

O ataque falhou. A esperança de Baco concentrou-se no falso piloto, atual guia dos portugueses na busca pela Índia, cuja ordem era destruí-los. O piloto levou avante o ardil de Baco e encaminhou a frota portuguesa à perigosa ilha de Quíloa.

Lá, ele viu o propósito de Baco ser frustrado pela força de ventos guiados por mão divina. Contudo, sua intenção de arruinar os portugueses recrudescu e, mentindo, disse-lhes haver uma cidade em outra ilha, onde os habitantes eram cristãos e mouros. O capitão, então, encaminhou-se à ilha chamada Mombaça, separada da terra por um pequeno estreito, pelo qual a frota não pôde passar por outra interferência divina.

²⁶ Marte, deus latino, assimilado ao deus grego Ares.

²⁷ Mercúrio, deus latino assimilado ao deus grego Hermes.

Nesse ínterim, os mouros de Mombaça, já advertidos por Baco, aproximaram-se em seus batéis e solicitaram o desembarque da tripulação. Vasco da Gama decidiu mandar apenas dois tripulantes para averiguar se, de fato, havia realmente cristãos entre os mouros da ilha.

Os dois espões portugueses foram levados propositalmente à casa de um cristão da ilha que, na realidade, era Baco disfarçado. Ali, ele prestava adoração diante de um altar cristão, o que tranquilizou aos dois homens. Baco, então, os acolheu em sua casa para pernoitar, granjeando um “bom relato” ao capitão Vasco da Gama.

Os dois portugueses, sem procurar por mais evidências, retornaram à frota e confirmaram o relato do falso piloto. Vasco da Gama adentrou o estreito, mas foi divinamente impedido de aportar, sendo encaminhado à ilha de Melinde.

Os planos de Baco para destruir os portugueses fracassavam. Contudo, nova oportunidade surgiu: os portugueses, após sua partida de Melinde, navegavam outra vez em direção a Índia, guiados agora por um piloto honesto. Baco, desesperado, desceu, então, ao reino de Netuno²⁸ e clamou por ajuda.

A Baco todas as divindades aquáticas escutavam. Ele, indignado, não compreendia sua permissividade para com os portugueses que, desrespeitando os limites terrestres, cortavam as águas, seu território exclusivo. Advertiu-os de que, com tamanha liberdade e permissividade, logo a hierarquia inverter-se-ia: os homens, de meras criaturas, converter-se-iam em deuses.

Baco confessou não descer às profundezas apenas para incitá-los a defender sua honra. Havia também um motivo pessoal envolvido: a defesa de sua honra pessoal no Oriente, ameaçada pela investida colonizadora portuguesa. Ele, então, suplicou por ajuda às divindades marinhas, as únicas capazes de impedi-los de chegar ao Oriente. Seu pedido e suas lágrimas comoveram e acenderam o furor dos deuses. Imediatamente, Netuno ordenou aos horripilantes ventos a destruição das naus portuguesas, mas o apoio divino salvaguardou-as outra vez.

Já na Índia, durante a noite, Baco, metamorfoseado em Maomé, apareceu em sonho a um adivinho mouro, advertiu-o sobre o perigo da presença portuguesa e orientou-o a tomar providências enquanto a força dos estrangeiros fosse pequena. O mouro imediatamente saltou da cama, dirigiu-se aos chefes indianos e relatou-lhes seu sonho.

O rei, ao tomar conhecimento do assunto, exigiu de Vasco da Gama uma explicação para sua “embaixada fingida”. O capitão, confirmando o ódio dos mouros e movido pela confiança

²⁸ Netuno, deus latino assimilado ao grego Posidon.

infundida por Vênus, replicou ao rei em defesa de sua nação e de si mesmo. Vasco da Gama, então ansioso pelo regresso à pátria, recolheu evidências de sua chegada à Índia e retornou a Portugal.

2.1.3 O apoio de Vênus

Os ataques instigados por Baco em Moçambique e Quíloa falharam, pois Vênus utilizou os ventos para anulá-los, furtando os portugueses à catástrofe.

Quando os portugueses estavam prestes a perecer em Mombaça, Vênus ordenou às Nereidas que os impedissem de aproximar-se da ilha. Assim, as Nereidas colocaram seus brandos peitos contra as imponentes naus, impedindo-as de avançar e forçando-as a retroceder.

Vasco da Gama, surpreso por não poder passar adiante, estremeceu-se, indignou-se contra o perigo representado pelo homem e clamou, então, a Deus por um porto seguro. Vênus atendeu-o e, abandonando as Nereidas, encaminhou-se a Júpiter para interceder por ele.

Quando Netuno ordenou aos ventos que destruíssem as naus, Vênus intercedeu novamente. Imediatamente desceu ao mar e ordenou às Nereidas que se enfeitassem com grinaldas de rosas, a fim de seduzi-los. Ao ver a beleza das Ninfas, os ventos abandonaram sua missão e renderam-se aos encantos das belas Ninfas.

Após tantos trabalhos no mar e tantas perfídias em terra, Vênus planejou uma magnífica recompensa para seus amados portugueses em retorno a Portugal: aparelhar uma ilha no oceano e para lá enviar as Ninfas, transbordantes de “secretas afeições”, como prêmio.

Vênus dirigiu-se a Cupido²⁹ e informou-o de seu plano. Pediu-lhe que, com suas flechas, despertasse o desejo das Ninfas pelos lusitanos. Atendendo ao seu pedido, Cupido despediu suas flechas e, apesar de alguma resistência, logo suspiros amorosos evolaram. Mesmo a poderosa Tétis, apesar de esquiva, foi ferida pela flecha de Cupido e não pôde resistir.

Vênus carregou sua maravilhosa ilha e suas notáveis habitantes na direção das naus. Os portugueses aportaram nela e não tardaram em descobrir a sua “singularidade”. Então, movidos pelo desejo, navegantes e Ninfas começaram um jogo amoroso de caça e caçador, ao que se entregaram e se deliciaram.

²⁹ Cupido, divindade latina, assimilada ao grego Eros.

2.1.4 Júpiter e a demanda portuguesa

Júpiter não resistiu à solicitação de Vênus pelos portugueses. Enxugou suas lágrimas, beijou-a, abraçou-a e principiou um maravilhoso relato do futuro português.

Reafirmou que os feitos portugueses no Oriente apagariam os feitos de gregos e romanos. Os “argonautas portugueses” seriam mais famosos que Ulisses e Eneias, uma vez que mostrariam ao mundo novos mundos. Profetizou a construção de fortalezas no Oriente, a destruição dos turcos e a dominação dos reis indianos pelos portugueses.

Enquanto isso, a frota estava nos arredores de Mombaça. Era noite, e o capitão dormia. A Vasco da Gama Júpiter enviou Mercúrio, a fim de adverti-lo da necessidade de zarpar. Aproveitando-se dos ventos favoráveis, da calma do oceano e da calada da noite, a ordem era fugir.

Mercúrio aconselhou-o a navegar ao longo da costa, onde encontraria um rei acolhedor que forneceria víveres e um piloto honesto. Vasco da Gama despertou e ordenou à tripulação que reiniciasse a viagem, buscando por Melinde.

2.1.5 Tétis e seu “caráter profético”

Após um dia de intensos amores na ilha preparada por Vênus, a noite caiu. As Ninfas prepararam as mesas com deliciosos manjares, por que todos pudessem restaurar sua natureza cansada. Então, os casais comeram, beberam e regalaram-se.

A bela Tétis cantou. Seu canto aludiu às profecias de Proteu³⁰, ouvidas pela deusa nas profundezas do oceano, a respeito das armadas portuguesas rumando à conquista do Oriente.

Após o banquete e o canto profético, Vasco da Gama foi guiado por Tétis através da mata fechada até um monte, repleto de rubis e esmeraldas. De repente, um globo de matéria desconhecida veio no ar, composto por diversos orbes, representações das divindades e dos planetas em suas rotas ao redor da terra; era a máquina do mundo, e por meio dela era possível ver o futuro. Vasco da Gama observou-o e vislumbrou o brilhante futuro português em terras orientais e ocidentais.

³⁰ Proteu, também conhecido como “o velho do mar”. Divindade aquática que possuía o dom da profecia.

2.2 A representação do herói

2.2.1 O Ulisses navegador

Observem-se as palavras do eu-lírico camoniano a respeito do Ulisses navegador:

Cesse[m] do sábio Grego [...]
As navegações grandes [...];
(CAMÕES, 1982, p.30)

Esta é a primeira referência, nos *Lusíadas*, a Ulisses, imortalizado na mitologia grega como um herói navegador. Em Camões, o eu-lírico almejava o cessar do valor daquelas navegações, em prol de um valor maior que se levantava: o lusitano.

Note-se outra referência ao Ulisses navegador:

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquela certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ítaco em Alcino.
(*ibid*, p.89)

Expressou-se assim Vasco da Gama ao embaixador melindano. O capitão referiu-se à presença de Ulisses na ilha do rei Alcino³¹, onde foi recebido bondosamente pelo rei e posteriormente devolvido a Ítaca em segurança. Vasco da Gama expressou o desejo de ser tão bem recebido em Melinde quanto o foi Ulisses na Feácea.

Vasco da Gama referiu-se também à característica essencial das navegações de Ulisses.

Note-se:

Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura!
(*ibid*, p.213)

Ulisses e suas navegações eram “fábulas vãs”. Os navegadores portugueses, e não Ulisses, eram os heróis reais. Por essa razão, o capitão português esforçou-se em demonstrar a supremacia de Portugal sobre os povos antigos e, conseqüentemente, a sua própria supremacia sobre Ulisses. Vasco da Gama afirmou representar a “verdade nua e pura”, ou seja, *o relato histórico*. Ulisses,

³¹ Alcino, filho de Nausítoo, rei da mítica Feácea.

por sua vez, não podia ser alcançado por este registro. Por esta razão, seu mundo era o das “fábulas vãs”, anulado pelo mundo da verdade histórica.

2.2.2 O Ulisses fundador

Note-se a representação do Ulisses fundador:

Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?
[...]
Ulisses é, o que faz a santa casa
À deusa [...]
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
(CAMÕES, 1982, p. 284-285)

O Ulisses fundador decorreu do Ulisses navegador. Suas navegações míticas nos arredores do estreito de Gibraltar ofereceram a Camões o subsídio para idealizar a fundação de Lisboa por ele. Neste aspecto, o herói estava no *pólo positivo* da sua representação: era o grande fundador da nação portuguesa.

2.2.3 “A língua de Ulisses”

Veja-se a representação da “língua de Ulisses”:

Isto fazem os reis [...]
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.
[...]
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.
(*ibid*, p. 356)

O eu-lírico camoniano criticou ao rei por conceder prêmios e glórias a “avarentos lisonjeiros”, caracterizados pela “língua vã” e “fraudulenta” de Ulisses. Neste aspecto, o herói migrou para o *pólo negativo* da sua representação: sua “língua “vã” e “fraudulenta”.

Ulisses move-se de um pólo a outro na obra camoniana: primeiro, ele e suas navegações são “fábulas vãs”, depois é o herói fundador de Lisboa e, por fim, sua língua é “vã” e “fraudulenta”. O herói torna-se um brinquedo: o eu-lírico camoniano esvazia-o de seus sentidos e

referências originais e utiliza outros, convenientes ao propósito dos *Lusíadas* de sublimar as conquistas portuguesas.

2.2.4 O Eneias navegador

Notem-se as primeiras palavras do eu-lírico camoniano a seu respeito:

Cesse[m] do sábio [...] troiano
As navegações grandes [...];
(CAMÕES, 1982, p.30)

Estas palavras revelam o desejo do eu-lírico de que as navegações portuguesas suplantem as navegações do troiano Eneias, tal como ocorrera às navegações de Ulisses.

Vasco da Gama referiu-se aos feitos do navegador Eneias registrados no épico *Eneida*:

Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura!
(*ibid*, p.213)

O navegador Eneias e seus feitos são minimizados e denominados “fábulas vãs”. Exalta-se o valor dos feitos lusitanos, tornando-os superiores aos dos heróis míticos. Assim, o mítico Eneias, tal como Ulisses, é representado como uma “fábula vã”.

2.2.5 Eneias e o apoio divino

Note-se a representação da relação entre Eneias e o apoio divino:

[...] A triste Vênus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Para Eneias, seu filho, navegando:
Que a tanta piedade o comovia.
(*ibid*, p.133)

Nos *Lusíadas*, Eneias é representado como totalmente dependente da clemência e proteção divinas. Suas forças nem o sustentam nem lhe asseguram a vida. Há em seu caso, como

no de Ulisses, o apagamento das suas características heróicas originais, procedimento por meio do qual se exalta aos portugueses a partir da desfiguração do homem mítico.

2.2.6 O “valor intrínseco” de Eneias

Observe-se agora a representação do “*valor intrínseco*” de Eneias nos *Lusíadas*:

Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.
(CAMÕES, 1982, p.34)

Eneias não possuía “valor intrínseco”: não era um herói. Por essa razão, tomou-se dele sua fama: Vasco da Gama foi seu vencedor e algoz, e a fama de Eneias migrou para ele. Esse “migrar da fama” apontou a valorização do personagem histórico em detrimento do personagem mítico, cujos feitos eram “fábulas vãs”. O embate entre o homem histórico e o homem mítico, nos *Lusíadas*, revelou o primeiro como vencedor.

3 A APROPRIAÇÃO DOS MITOS GRECO-LATINOS NOS *LUSÍADAS*

3.1 Os deuses

Nos *Lusíadas*, Camões apropriou-se de diferentes mitos da literatura greco-latina. Neste capítulo, esta apropriação será examinada através do cotejo entre a obra *Os Lusíadas* e o épico latino *Eneida*, e a obra *Os Lusíadas* e os clássicos gregos *Iliada* e *Odisseia*. Primeiramente, examinar-se-á a apropriação dos mitos referentes aos deuses, a saber: o mito do concílio divino, o mito da divindade hostil, o mito da divindade protetora, o mito de Júpiter/Zeus e a demanda dos homens e o mito das profecias. Posteriormente, examinar-se-á a apropriação dos mitos do herói troiano Eneias: o mito do Eneias navegador e o mito da relação entre o apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias. Por fim, examinar-se-á a apropriação do mito da “língua de Ulisses”.

3.1.1 O mito do concílio divino

3.1.1.1 Na *Eneida*

Na *Eneida*, há o relato de um concílio divino, cujo objetivo era determinar o destino de troianos e latinos em conflito. O destino dos troianos, no entanto, já estava decidido pelos fados: deveriam ocupar o Lácio e fundar uma nova civilização. Júpiter foi o mediador entre Vênus e Juno: Vênus defendeu seu filho Eneias enquanto Juno³² defendeu Turno³³, inimigo mortal dele. Na *Eneida*, Juno contrariou os fados e perseguiu implacavelmente aos troianos. Vênus, de sua parte, apoiou incansavelmente a Eneias e os remanescentes de Troia.

Nos *Lusíadas*, a viagem dos portugueses foi também o motivo de um concílio divino. Nesse concílio, Júpiter não agiu como mediador. Antes, determinou o cumprimento da ordem dos fados: os portugueses deveriam conquistar o Oriente. Isso agradou a Vênus, mas desagradou a Baco. Ele fez todo o possível para revogar a ordem dos fados e impedir a chegada dos odiados portugueses ao Oriente tal como Juno fizera aos troianos na *Eneida*. Ela, por sua vez, empenhou-se em garantir o cumprimento da ordem dos fados.

³² Juno, irmã e esposa de Júpiter segundo a mitologia latina, assimilada à deusa grega Hera.

³³ Turno, rei dos rútuos. Foi o comandante dos povos hostis a Eneias e aos remanescentes de Troia.

3.1.1.2 Na *Odisseia*

O mito do concílio divino teve seu lugar também na *Odisseia*. No canto I, relatou-se que os “deuses achavam-se congregados no palácio de Zeus”. (HOMERO, 2009, Vol. I, p. 13). No entanto, apenas dois deuses debatiam: Zeus e Palas Atena³⁴. A deusa ansiava pelo retorno de Odisseu a Ítaca, ao que Zeus manifestou-se positivamente: “Deliberemos juntos sobre o regresso, sobre a maneira de ele achar a rota” (*ibid*, p. 17).

No canto V, os deuses reuniram-se novamente para deliberar o retorno de Odisseu. Esse concílio, porém, foi diferente daquele: Zeus legislou sobre o futuro do herói. Veja-se:

Declara o fazendeiro de nuvens:
“Terminou a angustiosa espera de Odisseu.
Volte já, [...]”
(HOMERO, 2009, Vol II, p. 13).

Nos *Lusíadas*, representou-se a Júpiter tal qual no segundo concílio da *Odisseia* a Zeus: um soberano incontestado. Não houve espaço para a deliberação ou para a voz dos deuses: Júpiter declarou sua decisão a favor do sucesso português, tal como proclamara sua decisão a respeito do retorno de Odisseu a Ítaca.

3.1.1.3 Na *Iliada*

Três concílios divinos foram registrados Na *Iliada*. Observe-se o fragmento do primeiro, registrado no livro IV:

Eis, com mordaz cotejo, a irmã Satúrnio
Remoca: “A Menelau protegem duas,
Juno Argiva e Minerva Alalcomênia,
Que de olhá-lo tranquilas se comprazem;
De Páris guarda assídua, a mãe dos risos
Da Parca o subtraiu, tem-no em seguro.
[...]
Deliberemos se é melhor de novo
Encarniçar a guerra, ou congraçá-los”.
(HOMERO, 1950, p. 59-60)

³⁴ Palas Atena, deusa grega a qual se assimilou a latina Minerva.

Nesse concílio, Juno e Minerva apoiavam os gregos, enquanto Vênus amparava os troianos. Júpiter, como mediador, propôs estabelecer paz entre os povos, mas sem sucesso.

No segundo concílio, Júpiter não convocou os deuses para discutir os termos da guerra, mas para declarar-lhes sua *resolução*. Observe-se o fragmento extraído do livro VIII da *Iliada*:

“O que em mim resolvo
Celícolas, sabeis: [...]
Se algum for socorrer Aqueus ou Frígios,
Cá voltará golpeado e vergonhoso;
Ou no Tártaro eu próprio hei-de afundi-lo”.
(HOMERO, 1950, p. 129-130)

A resolução de Júpiter era clara: os deuses não deveriam interferir mais na guerra. A desobediência resultaria em castigo. Diferentemente do primeiro concílio, Júpiter não foi mediador, mas soberano.

No terceiro concílio, Júpiter alterou sua determinação. Note-se o fragmento extraído do livro XX da *Iliada*:

“Eu de Ílio curo, bem que já no extremo.
Mas, do espetáculo a gozar tranquilo,
No celso Olimpo ficarei; vós outros,
A bel-prazer, a gregos ou troianos
Auxiliai [...]”
(*ibid*, p. 351-352)

Júpiter revelou publicamente aos deuses seu apoio a Troia, mas revogou sua decisão: os deuses estavam autorizados a participar da guerra novamente. Ele, contudo, não se envolveria no conflito: apenas apreciaria desde o céu.

O concílio divino representado nos *Lusíadas* dialogou com o segundo e o terceiro concílio da *Iliada*. Nos *Lusíadas*, Júpiter determinou a chegada dos portugueses ao Oriente, assim como determinou o não envolvimento dos deuses na guerra de Troia no segundo concílio da *Iliada*. Do ponto de vista das questões pós-concílio, Júpiter foi apenas espectador nos *Lusíadas* e a partir do terceiro concílio da *Iliada*: reservou-se ao plano divino.

3.1.2 A divindade hostil

3.1.2.1 Na *Eneida*

No livro I da *Eneida*, encontra-se o relato da primeira ação de Juno contra os troianos. A deusa procurou Éolo³⁵, o “domador dos ventos” e pediu-lhe que exterminasse a frota troiana.

Note-se:

Junto desse rei, Juno, suplicante assim falou: “Ó Éolo (pois já que o pai dos deuses e o rei dos ventos te concedeu não só amansar as ondas, mas também encapelá-las com o vento), uma gente minha inimiga navega o mar Tirreno, levando para a Itália Ílio e os penates vencidos. Imprime força aos ventos e alaga as popas submersas, ou impele-as, lançadas em vários rumos, e dispersa os corpos pelo mar”. (VIRGÍLIO, 2007, p. 12)

Segundo o livro VII da *Eneida*, Juno suscitou Alecto³⁶, deusa da guerra, do ressentimento, das ciladas e das calúnias, contra Eneias. Assim pediu-lhe Juno:

“Faze por mim um supremo esforço, ó virgem gerada pela Noite, presta-me o serviço de impedir que nos roubem e quebrem nossa honra e fama, de impedir que os companheiros de Eneias cerquem Latino sob pretexto daquele casamento e que não se estabeleçam no território italiano”. (*ibid*, p. 142)

No livro IX da *Eneida*, consta outra ação de Juno contra Eneias. Por meio da mensageira Íris³⁷, Juno mandou uma ordem a Turno, inimigo mortal de Eneias:

“Turno, o que nenhum dos deuses teria ousado te prometer, eis que o desenrolar dos dias espontaneamente te traz. Eneias, abandonando a cidade e seus companheiros e a frota, dirigiu-se para o palatino real, morada de Evandro. Mas isto não é tudo: penetrou até a cidade afastada de Córito, e arma um punhado de Lídios, alguns camponeses escolhidos. Por que hesitas? Agora é o momento de reclamar teus cavalos e teu carro; acaba com todas as demoras e apodera-te do acampamento em desordem”. (*ibid*, p. 177)

Nos *Lusiadas*, Baco foi a divindade hostil. Ele incitou os mouros a destruir a frota portuguesa, tal como Juno incitou o guerreiro Turno contra Eneias, sua frota e seu acampamento na *Eneida*. Nos *Lusiadas*, sintetizou-se em Baco todo o ódio de Juno por Eneias.

Note-se que Camões apropriou-se do mito de Juno e Éolo contra os troianos para elaborar o mito de Baco e Netuno contra os portugueses. Enquanto fez Juno trocar de papel com Baco e

³⁵ Era senhor da ilha Eólia e era querido dos deuses. Em sua ilha, ele encerrava os ventos.

³⁶ Era uma das três Fúrias (nome latino) ou Erinias (nome grego).

³⁷ Segundo a mitologia grega, Íris era filha de Taumante e de Electra. Personificava o arco-íris e era a mensageira dos deuses.

Éolo com Netuno, manteve o mesmo cenário: navios no mar, prestes a sucumbir, vítimas dos ventos enviados pelo comparsa da divindade hostil.

3.1.2.2 Na *Odisseia*

Posidon foi a divindade hostil na *Odisseia*. Ele empenhou-se em frustrar o retorno de Odisseu a Ítaca. O ataque do herói ao ciclope Polifemo³⁸ desencadeou a hostilidade de Posidon. A fim de salvar a si e a seus companheiros, Odisseu cegou o monstro e foi alvo da seguinte maldição:

“Ouve-me, Posidon, de cabelos escuros como as Profundezas do mar, se de fato és meu pai, não Permitas que Odisseu volte para casa. Falo do filho De Laertes com domicílio em Ítaca. Digamos que a Moira lhe garanta rever os amigos, retornar a seu Fortificado palácio, pisar o solo pátrio. Nesse caso, Retarda tudo isso. Pereçam todos os companheiros, Volte em nau estranha, encontre desgraça em casa”. Foi o que pediu. O cabeleira-Negra lhe deu ouvidos. (HOMERO, 2009, Vol II, p. 143).

Polifemo invocou ao seu pai, pedindo-lhe que impedisse o retorno de Odisseu. Se tanto não fosse possível, que ao menos o retardasse e semeasse desgraças em seu caminho. Posidon, então, ouviu a súplica do filho e hostilizou a Odisseu.

Este ódio causou as tribulações do herói. No Canto I da *Odisseia*, o eu-lírico revelou-o ao dizer: “Os deuses lhe eram propícios, exceto Posidon. Cultivava contra Odisseu ódio violento”. (HOMERO, 2009, Vol. I, p.13).

O Posidon da *Odisseia* utilizou-se da força dos ventos para levar destruição ao herói odiado. Note-se:

Falou e congregou o exército das nuvens. Tridente Em punho, agitou as águas. Convocou ventos de Todos os cantos. Cobriu com um tapete trevoso Terra e mar. Tomba do céu o negro véu da noite. Põem-se tempestuosos em marcha Euro e Noto, Zéfiro e Bóreas. (HOMERO, 2009, Vol. II, p. 29).

³⁸ Filho de Posidon e da ninfa Teosa. Habitava a ilha dos ciclopes e era pastor de ovelhas.

Há uma notável semelhança entre o Netuno de Camões e o Posidon de Homero. Ambos desempenharam o mesmo papel, no mesmo ambiente, e utilizaram-se dos mesmos meios. No mito de Camões, contudo, Netuno envolveu-se na questão a pedido de Baco, enquanto o Posidon homérico, a pedido de seu filho Polifemo.

3.1.2.3 Na *Iliada*

Juno e Minerva foram as divindades hostis na *Iliada*. Sua hostilidade era fruto de um acontecimento envolvendo Páris, um dos heróis troianos, e as deusas Juno, Minerva e Vênus. A Páris coube decidir qual das deusas era a mais bela. Ao escolher Vênus, derivou para si e seu povo o ódio de Juno e Minerva³⁹. Por essa razão, elas empenharam-se em arrasar Troia e seus heróis⁴⁰. Segundo o eu-lírico homérico, “contíguas, gemem comprimindo os lábios Juno e Minerva, e dano aos Teucros urdem” (HOMERO, 1950, p, 60).

Juno e Minerva não foram as únicas inimigas de Troia. Revelou-se, no livro XX da *Iliada*, “o lado” dos deuses na guerra:

Com isto inflama os deuses, que discordes
Vão-se: às naus, Juno e Palas, mais Netuno,
O útil sutil Mercúrio, e o coxo nune
Duro e atroz, bem que as túbias lhe vacilem;⁴¹
(*ibid*, p. 352).

Nos *Lusíadas*, Baco foi o grande inimigo dos portugueses. Em uma tentativa desesperada de destruí-los, invocou a ajuda de Netuno. O mesmo Netuno, na *Iliada*, foi convocado por Juno para o ataque a Troia. Neste aspecto houve um paralelo: na *Iliada*, Netuno agiu contra Troia a pedido de Juno. Nos *Lusíadas*, Netuno agiu contra os portugueses, a pedido de Baco. Ao apropriar-se do mito da divindade hostil, Camões sintetizou em Baco toda a hostilidade dos deuses contrários a Troia na *Iliada*.

³⁹ A latina Minerva, assimilada à deusa grega Palas Atena.

⁴⁰ Este evento é narrado no mito do “pomo da discórdia”.

⁴¹ Essa é uma referência ao deus latino Vulcano, assimilado ao deus grego Hefesto. Era assim chamado por ser coxo.

3.1.3 A divindade protetora

3.1.3.1 Na *Eneida*

Na *Eneida*, Vênus foi a divindade protetora. Fez uso dos poderes de Cupido para proteger Eneias, pedindo-lhe que incitasse o amor da rainha Dido pelo herói, por medo dos palacianos, dos tírios e de Juno cruel:

Mas Citereia medita no seu coração novos artificios e novos planos; ela quer que Cupido, mudando de rosto e de feições, ocupe o lugar do meigo Ascânio e abra-se, em oferecendo os presentes de Eneias, a rainha com furioso ardor e penetre seus ossos com o fogo do amor. Pois ela teme o palácio pouco fiel e os tírios de dupla linguagem; atormenta-a a cruel Juno e seu cuidado reaparece ao se aproximar a noite.
(VIRGÍLIO, 2007, p. 25)

Nos *Lusíadas*, Camões apropriou-se deste mito de maneira diferente. Aqui, Vênus convocou Cupido a fim de incitar o amor das Ninfas pelos portugueses que retornavam da Índia. Não se tratava de proteção como na *Eneida*, mas de recompensa.

A vitória dos gregos na guerra de Troia foi a inevitável ordem dos fados. Por isso, Vênus instigou Eneias a fugir, levando consigo o filho Ascânio, o pai Anquises e outros sobreviventes. Ela falou ao herói troiano: “Foge, meu filho, põe termo a teus esforços. Não te abandonarei jamais e te conduzirei em segurança [...]” (*ibid*, p. 45).

Vênus velou também pelos portugueses. Nos *Lusíadas*, contudo, não houve comunicação direta entre a deusa protetora e os navegadores, tal como na *Eneida*. Vênus salvou-os da catástrofe iminente por meio da força dos ventos e das divindades aquáticas.

Na *Eneida*, Netuno protegeu a Eneias a pedido de Vênus. Note-se:

Vênus, que os cuidados atormentava, dirige-se a Netuno e exala do coração estes queixumes: “A profunda cólera de Juno e seu coração insaciável me obrigam, ó Netuno, a descer a todas as preces. Nem o longo dia nem alguma piedade a abrandam; nem a vontade de Júpiter nem os destinos a dobram: não descansa. [...] Possa, eu te suplico, o que resta dos troianos desfraldar as velas através das ondas e atingir o Tibre laurentino, se meu pedido é legítimo, se as Parcas nos reservam aquelas muralhas!” [...] “Ele abordará sem perigo os portos de Averno que tu desejas”.
(*ibid*, p. 106).

Na *Eneida*, Netuno foi um porto seguro para Eneias. Nos *Lusíadas*, contudo, este mito foi radicalmente transformado. Envolvido na querela de Baco contra os portugueses, Netuno dispôs-

se a destruí-los, convertendo-se de amigo dos protegidos de Vênus na *Eneida* em seu inimigo nos *Lusíadas*.

3.1.3.2 Na *Odisseia*

Na *Odisseia*, a divindade protetora foi Palas Atena. Ela acompanhou atentamente a Odisseu e ajudou-lhe nos momentos de crise. Disse Nestor, conselheiro de Agamênon durante a guerra de Troia, a Telêmaco, filho de Odisseu: “que te acompanhe o favor da deusa de olhos brilhantes, Atena, como esteve com o renomado Odisseu quando tantas amarguras nos molestaram no povo de Troia”. (HOMERO, 2009, Vol. I, p. 75).

Odisseu suplicou à deusa pelo auxílio dos feáceos e “Palas Atena acolheu a súplica de Odisseu”. (HOMERO, 2009, Vol II, p. 59). Ao final da *Odisseia*, Atena temia que os familiares dos pretendentes mortos por Odisseu tirassem-lhe a vida. Ela achegou-se, então, a Zeus, seu pai e indagou:

“Filho de Crono, meu pai, Senhor dos que governam,
Atende-me, o que guardas em tua mente? Queres
Que prossiga guerra devastadora, a matança? Não
Te ocorre pôr fim à luta, pacificar os litigantes?”
(HOMERO, 2009, Vol. III, p. 343)

Nos *Lusíadas*, sintetizaram-se em Vênus os atos da divindade protetora de Odisseu, Palas Atena. Ela responsabilizou-se pessoalmente em proteger aos portugueses e também não hesitou em implorar a Júpiter pela proteção deles, em um claro paralelo com os atos de Palas Atena a favor de Ulisses.

3.1.3.3 Na *Iliada*

Na *Iliada*, Vênus foi a divindade protetora. No livro V da *Iliada*, o eu-lírico cantou um dos atos de Vênus a favor de seu filho Eneias, ferido por Diomedes. Note-se:

De joelhos tomba, a forte mão se estriba,
Enoita-se-lhe a vista; e fenecera
O de homens regedor, se não lhe acode
Vênus, que o teve do boieiro Anquises.
Trêmula a deia o cinge ao branco seio,
E as dobras lhe antepõe de níveo peplo,
A resguardá-lo de inimigo dardo,
Que nos peitos profunde e à morte o envie;

Safa à pressa do campo o seu querido.
(HOMERO, 1950, p. 82)

A Vênus de Camões empenhou-se por defender a Vasco da Gama. Por isso, pode-se estabelecer uma relação direta entre ele e Eneias: os heróis constituem uma unidade. Houve diferenças, contudo, entre seus destinos: Ao final da *Iliada*, Eneias estava à beira da ruína. Vasco da Gama, no entanto, foi mais feliz: por meio de sua “mãe divina”, encaminhou-se à fama ao final dos *Lusíadas*.

3.1.4 Júpiter e a demanda dos homens

3.1.4.1 Na *Eneida*

Júpiter não foi indiferente aos assuntos humanos. Interpelado por Vênus acerca do futuro dos troianos, seus protegidos, ele respondeu:

“Não tenhas medo, ó Citereia, permanecem imutáveis os destinos dos teus; verás a cidade e os muros prometidos de Lavínio, e levantarás o magnânimo Eneias, sublimado, aos astros dos céus; nenhum parecer me mudou”. (VIRGÍLIO, 2007, p. 16)

Compare-se com o trecho dos *Lusíadas*:

“Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos”.
(CAMÕES, 1982, p.79)

Júpiter não foi indiferente as necessidades do homem. Na *Eneida*, favoreceu aos remanescentes de Troia e, nos *Lusíadas*, aliou-se aos portugueses. Tanto na *Eneida* como nos *Lusíadas*, não compactuou com divindade ou homem que tentasse burlar a ordem dos fados e prejudicar seus protegidos.

3.1.4.2 Na *Odisseia*

Zeus não foi indiferente ao destino do homem. No caso de Odisseu, porém, teve uma atitude ambígua. A punição de Zeus pela profanação dos rebanhos de Hélio recaiu sobre a tripulação culpada e sobre o inocente Odisseu. Observe-se:

Zeus baixou uma nuvem tenebrosa sobre nossa
Bojuda nave. A sombra cobriu a face líquida.
Nossa embarcação não correu por muito tempo.
[...]
Os raios de Zeus bailam na proa.

[...]
Os céus negaram-lhes o sonhado regresso.
(HOMERO, 2009, Vol. II, p. 237).

Apesar da inocência de Odisseu neste caso, a punição recaiu também sobre ele. A fúria de Zeus aniquilou o navio e a sua tripulação. Odisseu ficou dias à deriva no mar, até alcançar a ilha da deusa Calipso.⁴²

Essa ambiguidade não constitui regra na *Odisseia*. O Zeus homérico foi favorável a Odisseu e por ele zelou. Por exemplo, no Canto XX da *Odisseia*, o herói encaminhou uma prece a Zeus e “ele não deixou de atendê-la” (HOMERO, 2009, Vol. III, p. 225). Após a punição a Odisseu e sua tripulação, Zeus responsabilizou-se por sua proteção no mar e também pela sua chegada à ilha da deusa Calipso.

Deste caráter ambíguo de Zeus não se apropriou Camões nos *Lusíadas*. O Júpiter camoniano era estável e sereno, não surpreendendo por ações impulsivas contra o homem. Na realidade, o Júpiter dos *Lusíadas* foi, por exceção do concílio divino, apenas espectador.

3.1.4.3 Na *Iliada*

Na *Iliada*, Zeus desempenhou um papel complexo. Por um lado, conhecia o trágico destino de Troia e de seus heróis, e buscava adiá-lo. Por outro lado, comprometera-se com Tétis, mãe de Aquiles, um grego: prometeu-lhe exaltar seu filho, por meio da derrocada troiana. Por isso, Júpiter ora apoiou a troianos, ora a gregos. Notem-se suas palavras a Juno:

“Mas na mente o grava:
Se extirpar me aprouver cidade que ames,
Não me embargues a cólera; que à tua,
A meu pesar, entrego Ílio sagrada;
Que eu, sob o pólo e o sol, nenhuma honrava
Tanto como essa, nem terrestres homens
Como ao bélico Príamo e os troianos.”
(HOMERO, 1950, p. 60)

Por prezar Júpiter a Troia, custou-lhe consentir com sua derrocada. Contudo, não podia evitar o fado: Heitor seria morto, Aquiles exaltado, e Troia aniquilada. Por esta razão, disse ele a Juno: “a Heitor imolará furioso Aquiles. D’então concederei vitória aos gregos” (*ibid*, p. 259). Contudo, desejava a salvação de Eneias, conforme as palavras de Netuno demonstraram:

⁴² Calipso era uma ninfa do mar, habitante da ilha de Ogígia, da qual Odisseu foi prisioneiro durante sete anos, após o ataque de Zeus à embarcação do herói.

“Salvemo-lo, que Júpiter há-de agastar-se
De o ver extinto. É fado que a progênie
Permaneça de Dárdano, a mais cara [...]
Quer pois que Eneias reine, mais seus filhos,
E os que dos filhos procedendo forem.”
(HOMERO, 1950, p. 358)

Nos *Lusíadas*, Camões apropriou-se do mito do fado de Eneias, transferindo-o à nação portuguesa. A expedição de Vasco da Gama e todas as expedições posteriores rumavam para cumprir a ordem dos fados: conquistar o Oriente, tal como Eneias rumou em direção à conquista do Lácio.

3.1.5 O caráter profético

3.1.5.1 Na *Eneida*

Na *Eneida*, a profecia foi ouvida por Eneias, de seu pai Anquises, no inferno. Assim, Eneias reencontrou seu pai e escutou-o profetizar a respeito do povo romano, do qual o herói seria fundador. Note-se:

“Agora te direi que glória aguarda no porvir a raça de Dárdano, que netos da raça itálica te são reservados, almas ilustres e que devem revestir nosso nome; revelarei teus destinos. Aquele jovem, vês, que se apoia numa lança sem ferro, a sorte lhe concedeu o lugar mais vizinho da luz; sairá por primeiro para os sopros do éter, de sangue italiano misturado ao nosso: pe Sívio, nome albano, teu último filho; tua esposa, Lavínia, to dará tardiamente, no fim de tua longa idade; ela criará nos bosques esse rei, pai de reis, do qual nossa família descenderá e dominará em Alba Longa”.
(VIRGILIO, 2007, p. 128)

Nos *Lusíadas*, o papel de Eneias foi concedido a Vasco da Gama e o de Anquises a Tétis, esposa de Nereu. Observe-se o trecho dos *Lusíadas*. Disse Tétis sobre o futuro português:

“Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado”.
(CAMÕES, 1982, p 391).

Camões apropriou-se do mito clássico da profecia e transformou-o segundo as exigências religiosas do seu tempo. Enquanto na *Eneida* Eneias *desceu* ao inferno, morada das almas em processo de purificação e candidatas a um novo corpo, Vasco da Gama *subiu* um monte, na direção do Céu. Estabeleceu-se, então, uma diferença ontológica: para o homem representado na *Eneida*, a perspectiva de voltar à vida residia no retorno da alma a um novo corpo, oriunda do inferno. Para o homem representado nos *Lusíadas*, a perspectiva não era voltar à vida terrena, mas alcançar o paraíso celestial.

3.1.5.2 Na *Odisseia*

O caráter profético em Homero, diferente em Virgílio e em Camões, cujas profecias visaram o futuro da *nação*, visou unicamente o futuro do herói. Naquele, a profecia envolveu apenas os eventos relacionados à vida de Odisseu. Observem-se os fragmentos da *Odisseia*:

“Acharás em tua casa situação adversa, insolentes.
Eles dilapidam teus bens, assediam tua mulher”.
(HOMERO, 2009, Vol. II, p. 185).

“Quando outro caminhante te encontrar,
Supondo que é pá o remo no teu ombro, fincarás na
Terra a lâmina que fere as águas, sacrificios farás ao
Senhor dos mares”.
(*ibid*, p. 185).

À entrada do Hades, Tirésias informou ao herói sobre a situação de sua casa e de sua família, advertindo-o a respeito da presença dos “insolentes”. No segundo excerto, Tirésias ensinou a Odisseu o rito pelo qual abrandaria a fúria de Posidon. Em nenhum momento da *Odisseia*, a profecia dirigiu-se ao futuro da nação grega.

3.2 OS HERÓIS

3.2.1 O Eneias da *Eneida*

3.2.1.1 O Eneias navegador

Na *Eneida*, Virgílio representou a Eneias como um grande navegador, cujos esforços no mar resultaram em sua chegada ao Lácio e na fundação do povo romano. O navegador Eneias sofreu, tal como Ulisses, sob os caprichos dos deuses, aumentando a dramaticidade de suas

conquistas e seu valor como herói. Observe-se o trecho extraído da *Eneida*, referente a um evento das navegações de Eneias:

Logo que estas palavras foram ditas, [Éolo] empurrou para o lado, com a lança voltada, o monte cavo; e os ventos, como um esquadrão, precipitam-se pela porta que lhes foi dada, e varrem as terras com turbilhões. E o Euro e o Noto e o Áfrico, frequente em tempestades, lançam-se ao mesmo tempo sobre o mar e revolvem-no todo, desde as sedes mais profundas, e arremessam grandes vagalhões sobre o litoral. Então se ergue um clamor dos marinheiros e o estridor das cordoalhas. As nuvens escondem o céu e o dia dos olhos dos Teucros; escura noite lança-se ao mar. Retumbaram os céus e o ar brilha com relâmpagos frequentes e todas as coisas mostram ao homem a morte iminente.
(VIRGILIO, 2007, p. 13).

Nos *Lusíadas*, Camões exaltou as navegações portuguesas. O personagem principal da obra foi o Capitão Vasco da Gama, fiel ao rei de Portugal e protegido de Vênus. Ao apropriar-se do mito das navegações de Eneias, alterou-os negativamente, diminuindo o valor conferido a ele por Virgílio. Observe-se a seguinte estrofe dos *Lusíadas*:

Cesse[m] do sábio troiano
As navegações grandes[...]
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
(CAMÕES, 1982, p. 30).

A estratégia narrativa de reduzir o valor de Eneias e o de suas navegações é compreensível: seria grande o valor alcançado pelos portugueses ao superar os feitos do herói mítico. Além disso, tal procedimento valorizou *os feitos do homem histórico* e anulou o valor *dos feitos do homem mítico*. Camões reduziu o mito clássico e cantou um maior que “se alevanta”, o mito da história portuguesa.

3.2.1.2 A relação entre o apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias

O Eneias representado por Virgílio foi um herói vigoroso. Note-se:

Entretanto, o venerável Eneias, ouvindo o nome de Turno, abandona os muros e as altas torres; abrevia todas as demoras, suspende todos os trabalhos para o assalto, exultante de alegria; com ruído horrível de trovão agita as armas [...] Geme a terra; então desferem com as espadas amiudados golpes; misturam-se o acaso e o valor [...] Eneias e o herói dáunio entrecocam os escudos; grande estrondo sacode os ares.
(VIRGILIO, 2007, p. 262)

O valor de Eneias era evidente na *Eneida*. A alegria diante do combate, o rugir das armas e a violência dos golpes sugeriam as dimensões do espírito do herói guerreiro. A sua relação com as divindades não era a única justificativa para seu esplendor heróico. Eneias, por sua natureza única e extraordinária, buscava a ação e a glória, pois valorizava seu legado.

Após a apropriação de seu mito por Camões, Eneias saiu cambaleante. Nos *Lusíadas*, não manteve a imagem imponente proposta por Virgílio, já não era um herói glorioso. A fragilidade do herói desconstruído tornou-se evidente pela sua dependência do divino. Observe-se:

[...] A triste Vênus, quando
A Júpiter, seu pai, fãvor pedia
Para Eneias, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o comovia.
(CAMÕES, 1982, p. 133).

A apropriação desvitalizou o herói; ele já não possuía a constituição anterior e dependia completamente dos favores dos deuses, isto é, da compaixão divina. Obviamente, a relação entre o homem mítico e as divindades era um aspecto elementar da literatura greco-latina. Contudo, o herói dos textos clássicos não dependia dos deuses por estar esvaziado de seus atributos e de seu valor, tal como aconteceu ao herói clássico nos *Lusíadas*; aqui sua natureza heróica foi destruída.

3.2.2 O Ulisses da *Eneida*

3.2.2.1 “A língua de Ulisses”

A impressão do eu-lírico virgiliano a respeito da “língua de Ulisses” fez-se perceber por meio de suas expressões na *Eneida*: “Ó infelizes cidadãos, que loucura é a vossa? Acreditais que o inimigo se retirou? Ou julgais que os presentes dos dânos carecem de enganos? É assim que conheceis Ulisses?” (VIRGILIO, 2007, p. 32) O “Pérfido Ulisses” e “Ulisses aterrava-me com acusações inauditas” (*ibid*, p. 32). “Esse artífice de crimes que é Ulisses” (*ibid*, p. 35). “O instigador de crimes, o neto de Éolo” (*ibid*, p. 123) “Ulisses de discursos enganadores” (*ibid*, p. 190). Conforme se observou, a representação da “língua de Ulisses” na *Eneida* foi sempre negativa.

Observe-se agora como este aspecto foi representado nos *Lusíadas*:

Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.
[...]

Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.
(CAMÕES, 1982, p. 356).

A “língua de Ulisses foi denominada “vã”, a língua de “avarentos lisonjeiros”. Camões apropriou-se do aspecto negativo da representação da “língua de Ulisses” para criticar a postura dos reis que premiavam a bajuladores.

Ulisses foi representado em dois pólos na obra camoniana. Neste aspecto, o foco incidiu no pólo negativo da sua representação: a língua dúbia e perigosa do herói, representada por Virgílio na *Eneida*.

3.2.3 O Odisseu da *Odisseia*

3.2.3.1 “A língua de Odisseu”

Em Homero, a “língua de Ulisses” dividiu-se entre a verdade e a mentira. Disse Nestor, conselheiro real durante a guerra de Troia a respeito de Ulisses: “No desempenho [...] da palavra, ninguém o igualava”. (HOMERO, 2009, Vol. I, p. 53). Apesar de usar a “língua verdadeira” em ocasiões diversas, Ulisses utilizou-se tanto quanto necessário da “língua mentirosa”. Mentiu ao gigante Polifemo e a Palas Atena, sua protetora. Mentiu também aos feáceos, povo que o conduziu em segurança a Ítaca.

Após dias à deriva, Ulisses encontrava-se adormecido e nu em uma praia. Nausícaa, filha de Alcínoo, rei dos feáceos, e suas servas lavavam roupas ali. Ulisses, ao acordar, dirigiu-se à princesa e pediu-lhe roupas e informação. A moça exortou-o a procurar o palácio de seu pai, o rei, em busca de ajuda. Contudo, foi-lhe imposta uma condição: adentrar a cidade após ela e seu séquito já o terem feito, para evitar falatórios. Nausícaa disse:

“Perto da estrada hás de ver um
Bosque de Atena, repousante. Lá corre uma fonte
Num prado. Dono do lugar é meu pai. A terra é boa,
Produz de tudo. A um grito de lá fica a cidade. Te
Recomendo que fiques lá o tempo necessário
Para eu e as criadas voltarmos à casa de meu pai”.
(HOMERO, 2009, Vol. II, p. 57)

Ulisses compreendeu a preocupação da princesa e atendeu sua solicitação.

Mais tarde, Ulisses estava à mesa do rei, e sua chegada à ilha tornou-se o assunto principal. Alcínoo, então, tomou conhecimento da conversa entre sua filha e o herói e lamentou por ela não

tê-lo trazido ao palácio imediatamente após o encontro. O herói, então, relatou ao rei o acontecido, note-se, conforme a sua “língua mentirosa”:

“Majestade, a princesa não merece incriminação.
Ela recomendou que eu a acompanhasse com as servas.
A cautela foi minha. Eu temia que reprovasses
Minha presença no séquito dela. Eu poderia provocar
Melindres. Nós, terrestres, somos muito sensíveis.”
(HOMERO, 2009, Vol. II, p. 77).

Ulisses transferiu o ato prudente de Nausícaa, pelo qual poderia tê-la louvado diante do pai, para si, por meio de uma mentira, e recebeu o louvor devido à jovem. A “língua de Ulisses”, na *Odisseia*, migrou da verdade à mentira conforme a conveniência: não houve pudor ou honestidade capaz de evitar a “mentira conveniente”. Percebe-se o subsídio clássico de Camões para elaborar seu mito da “língua vã” de Ulisses: uma língua dividida entre a verdade e a mentira na *Odisseia*.

3.2.4 O Eneias da *Iliada*

3.2.4.1 O apoio divino e o “valor intrínseco” de Eneias

Eneias foi cantado na *Iliada* como um valoroso e feroz herói. Seu “valor intrínseco” foi a força motriz de seus feitos. Esse “valor intrínseco”, em momento algum, foi contestado pelo eu-lírico homérico. Observe-se o fragmento extraído da *Iliada*:

Dois rende Eneias da soberba Feres,
Onde opulento o genitor morava,
Ramo do Alfeu, que à larga os Pílios banha:
Do rio prole, Orsíloco imperante
A Diocleu gerou; do herói nasceram
Gêmeos Créton e Orsíloco. [...]
Tais o indômito Anquísio aterra-os ambos,
Semelhantes a abetos espigados.
(HOMERO, 1950, p. 88)

Apesar de Vasco da Gama e Eneias desempenharem o mesmo papel em suas respectivas epopeias, não compartilharam do mesmo “valor intrínseco”. Embora Camões devesse a Eneias os elementos constituintes de Vasco da Gama, despojou-o de todo seu valor original. Isto é peculiaridade em Camões, pois nem o eu-lírico homérico, narrador da derrocada troiana, destituiu

o troiano de seu “valor intrínseco”. Camões o fez: representou seu homem histórico por meio do espólio do mítico Eneias.

3.2.5 O Ulisses da *Iliada*

3.2.5.1 “A língua de Ulisses”

A “língua de Ulisses” e seu uso também foram representados na *Iliada*. Nestor, o conselheiro de Agamenon, chamou-o de “sábio Ulisses” (HOMERO, 1950, p. 149) e Ajax o chamou de “sábio Ulisses” (*ibid*, p.159). Disse Ulisses sobre si mesmo: “Fortíssimo dos gregos, exceles tu na lança, *eu na prudência*: De um mais velho *e instruído* aceita o aviso” (*ibid*, p. 344).

No entanto, Ulisses também usou aqui sua língua proficiente para o engano, tal como representado na *Odisseia* e na *Eneida*. A falsa garantia de Ulisses a Dólon, o espia troiano, demonstrou isso. Veja-se:

Logo o matreiro: “Eu te afianço a vida,
Conta a verdade sem temor. No escuro
Às naus caminhas, quando os mais repousa
Despir tentas os mortos? Vens mandado,
Ou por teu mesmo impulso nos espias?”
(*ibid*, p. 174)

O próprio eu-lírico homérico chamou a Ulisses de *matreiro*, pois ele mentiu ao espia, tirando-lhe a vida após o interrogatório. O Ulisses da *Iliada*, tal como o da *Odisseia*, alternou o uso da verdade e da mentira; a língua do herói era dúplice. Esta ambiguidade representada nos clássicos foi o gérmen da representação camoniana da “língua vã e fraudulenta de Ulisses”.

CONCLUSÃO

A apropriação da mitologia clássica greco-latina nos *Lusíadas* contemplou a noção de mito e seus desdobramentos, conforme se abordou no primeiro capítulo deste trabalho. Por meio da apropriação camoniana daquela mitologia, descobriu-se o mito de origem das navegações portuguesas, calcada em um passado mítico que remonta a Ulisses e Eneias, cuja natureza, capacidade e valor foram superados pelos navegadores portugueses. Verificou-se também o mito de origem da fundação de Lisboa, cujos alicerces remontam às incursões de Ulisses nos arredores do estreito de Gibraltar, enquanto Posidon o perseguia e retardava seu retorno a Ítaca.

Neste respeito, uma consideração faz-se necessária. No caso da relação entre os navegadores portugueses e os heróis navegadores Ulisses e Eneias, houve uma desvalorização dos feitos e do valor destes últimos e uma supervalorização dos feitos e do valor dos primeiros, cujo representante era o Capitão Vasco da Gama. Poder-se-ia supor que Camões colocaria seus personagens em nível de igualdade àqueles heróis consagrados, visto terem eles servido de modelo exemplar às suas civilizações.

Contudo, tal pressuposto não se confirma. Pelo contrário, Camões inverteu a questão, utilizando-se dos personagens Ulisses e Eneias destituídos de seu caráter heróico original. Na realidade, esta destituição foi tão profunda no caso deles que, no cotejo com as obras-base para o estudo da apropriação camoniana neste trabalho, a saber, a *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida*, eles não foram representados como heróis nos *Lusíadas*. De fato, sua representação, esvaziada do aspecto original, exaltou o herói navegador português. O esforço de Camões, então, fluiu no sentido de glorificar seu herói, homem concreto e histórico, às custas da desfiguração do herói mítico clássico, cujos atos não foram contemplados pela história. As glórias daqueles heróis não estavam ao nível daquelas conquistadas pelo homem histórico representado por Camões. Portanto, o herói português, marcado pelo regime ontológico da história, superou o homem mítico e ocupou o seu lugar no topo da hierarquia, aspectos esses estruturais do Humanismo.

Por sua vez, o mito de Ulisses ofereceu a Camões um subsídio peculiar. O Ulisses navegador era ambíguo. Por um lado, ele e suas navegações eram mero mito, esvaziados de seu caráter original em prol da ascensão de Vasco da Gama. Por outro lado, essas mesmas navegações redundaram na fundação de Lisboa, capital do crescente império português, cuja origem foi exaltada pelo eu-lírico camoniano. Esta ambiguidade revelou o joguete em que os

heróis clássicos e seus atos foram transformados. A finalidade desta modelagem dos mitos era exaltar Portugal e seus heróis. Todo e qualquer aspecto do mito que subsidiasse este propósito foi pouco ou nada alterado. Caso contrário, deformou-se, espoliou-se ou esvaziou-se o mito conforme as necessidades da epopeia.

No caso dos deuses, por sua vez, Camões conservou aspectos da tradição dos clássicos greco-latinos e modificou a outros. No entanto, os deuses não foram destituídos de seus atributos divinos. Por exemplo, o concílio divino, presente nos três clássicos da tradição greco-latina, foi representado também nos *Lusíadas*. O mito da divindade hostil que, nos clássicos gregos examinados eram, essencialmente, Atena, Hera e Posidon, e no clássico latino *Eneida* Juno, foram sintetizados por Baco nos *Lusíadas*, o que constituiu uma inovação do eu-lírico camoniano.

No que diz respeito à divindade protetora nos *Lusíadas*, Camões apegou-se mais fielmente a *Eneida*. Em Virgílio, Vênus era a protetora “natural” de Eneias, seu filho, em suas peripécias em mar e terra no tempo mítico das suas navegações. Em Camões, Vênus foi eleita como protetora dos portugueses, sugerindo o vínculo entre a deusa e a nação portuguesa como renovo da mítica Troia e do mítico Lácio, e entre o capitão Vasco da Gama e o herói latino Eneias.

A abordagem camoniana da profecia também consistiu em uma inovação em Camões. Na *Odisseia*, Tirésias profetizou o futuro de Odisseu. Na *Eneida*, Anquises profetizou o futuro da nação que seria fundada por Eneias e seus descendentes. Ao procedimento adotado por Virgílio alinhou-se o eu-lírico camoniano. Por meio da deusa Tétis, cujo saber do futuro originou-se de Proteu, fez-se conhecer a magnitude da expansão imperial portuguesa. Nos *Lusíadas* a profecia não demandou a descida do herói ao Hades; antes requereu a subida dele a um monte, um centro do mundo, por meio do qual a profetisa e o herói aproximaram-se do céu cristão.

Em Camões, as divindades greco-latinas foram as responsáveis pelo andamento da epopeia. Baco, por meio de suas artimanhas, contrariou a ordem dos fados. Vênus, mãe mítica de Vasco da Gama e protetora do império português, utilizou-se de seus poderes para garantir o sucesso da saga portuguesa. Júpiter zelou pela ordem dos fados. No entanto, o deus cristão e as divindades desta vertente religiosa não figuraram na obra camoniana. Não foram os santos da cristandade nem seu deus que garantiram a chegada dos portugueses à Índia e seu retorno em segurança a Portugal.

Nos *Lusíadas*, houve o esforço claro e consciente do eu-lírico em valorizar o homem. Contudo, não o homem sujeito ao regime ontológico do mito, pertencente às sociedades arcaicas, o homem mítico. Ele empenhou-se pela valorização do homem histórico, sujeito ao tempo cronológico e irrecuperável. Esse homem era portador das características do herói mítico, no entanto não era um mito, pois pertencia à realidade histórica. O homem mítico depositou aos pés deste seu valor e deixou de existir; não havia mais espaço para ele, pois a história não o contemplava. Apenas o homem histórico e seu regime ontológico podiam ser nos *Lusíadas*.

BIBLIOGRAFIA

CAMÕES, Luis Vaz. **Os Lusíadas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5.ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1998.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HOMERO. **Odisseia, v.1 Telegaquia**. 1.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

HOMERO. **Odisseia, v.2 Regresso**. 1.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

HOMERO. **Odisseia, v.3 Ítaca**. 1.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

HOMERO. **Iliada**. Rio de Janeiro: W.M. JACKSON, 1950.

VIRGÍLIO. **Eneida**. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.